



Fabinho mostra o pombo ferido que ele trata a cuscuz e água até poder soltá-lo. O menino veio com a família de Irecê, Bahia, fugindo de uma estiagem de quatro meses e agora mora perto da água

Retirantes da seca invadem 213 Norte

DF - Imagens

Perto do parque ecológico Olhos D'Água, várias famílias montam barracos cercados de sujeira, moscas, lixo e escrementos

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

Um pombo ferido invadiu ontem pela manhã um barraco de pão-de-espuma e plástico na 213 Norte. Fabinho, um garoto maltrapilho de dez anos, recolheu o pombo, deu-lhe um pedaço de cuscuz e água, fez um cercado de ripas velhas e ficou vigiando o bicho, para que primos e irmãos mais novos não o maltratassem. "Quando ele sarar, vou soltar ele (sic) pra ele ficar alegre", planejava o menino.

O pequeno protetor de animais faz parte de uma família de quase 30 pessoas, entre adultos e crianças, que há três meses está acampada na 213 Norte, debaixo de dois abacateiros. Vieram de Irecê, na Bahia, fugitivos de uma seca de quatro anos seguidos. Na 213 Norte encontraram água em abundância, de uma das nascentes que compõem, mais na frente, o Parque Olhos D'Água.

NA ESCOLA

Cerca de 50 metros adiante, protegidos por espesso matagal, mora a família de dona Bernadete Ferreira, uma paraibana de Campina Grande que há mais de 30 anos vive em Brasília, saltando de invasão em invasão. Dona Bernadete não quer falar nem ser fotografada e tem justificativa:

tivo: duas de suas filhas, Cristina, de 8 anos, e Cristiane, de 9 anos, estudam na Escola Classe 411 Norte e não querem que professores e colegas saibam onde elas moram.

Dona Bernadete Ferreira já fincou seu barraco perto do asfalto, onde hoje estão Fabinho e o pombo, mas foi retirada de lá pelo GDF. Resolveu avançar matagal a dentro e plantou seu barraco bem no meio da quadra, de onde só pode ser vista pelo céu. "A Terracap vem nos tirar daqui?", pergunta Eliane, 19 anos, filha de dona Bernadete. Eliane vive de pequenos serviços domésticos e de vigiar carro. Dinheiro que, segundo ela, dá para o sustento de toda a família.

SALA E CARPETO

Uma cesta de vime acomoda revistas na sala de dona Maria Selma da Silva, uma pernambucana de Custódia. O barraco de papelão e madeira tem o pé direito menor que uma pessoa de estatura média, mas lá dentro reinam a limpeza e a organização. Dona Maria Selma está na invasão da 213 Norte há três meses, seu marido, há 1 ano. "Vim pra arrumar emprego", diz. Sem trabalho, ela fica o dia inteiro cuidado do barraco, cujo chão é forrado de pedaços de carpete. "Toda a semana tiro tudo pra limpar, a gente já é pobre e ainda tem que ser sujo?", explica Selma.



Maria Selma da Silva fica em casa o dia inteiro: pobre sim, suja não

O marido, José Mendes da Silva, saiu para lavar e vigiar carros na 309 Norte. Ele quer continuar em Brasília, mas ela sonha em voltar para os três filhos. "Vim de carona", conta Selma que agora quer voltar de ônibus. "Aqui, acolá, aparece uma assistente social, mas dinheiro da passagem que é bom, elas não dão pra gente."

Um dos vizinhos de dona Selma, Antônio José de Souza, está com o joelho direito inchado e, para curar-se, faz chá de barbatimão num fogão de pedra. Ele está há 10 anos em Brasília, há 22 dias na invasão da 213 Norte. Diz que por ali é mais perto para conseguir pequenos serviços e socorro médico. O barbatimão é uma planta medicinal retirada do Parque em frente.

BUMERANGUE

A agrônoma Marisa de Goes faz

Cresce número de barracos

Tal qual a 213 Norte, as quadras 600 da Asa Sul, a Ponte do Bragueto, as proximidades do Palácio do Jaburu e do Iate Clube estão abrigando invasores em número cada dia maior. "Hoje (ontem), vi roupas estendidas no Viaduto Ayrtón Senna", escandalizou-se o major Mário Celso Manente, subdiretor do Siv-Solo (Serviço de Vigilância do Solo). Ele explicou que há três meses o mapeamento da invasões de Brasília não vem sendo atualizado. "Agora, estamos correndo atrás", disse.

Só nas proximidades do Iate Clube de Brasília há mais de 20 barracos que dividem o espaço com o papel que eles coletam do lixo. Alguns estão lá há mais de um ano, todos sobrevivendo do lixo da burocracia estatal. As montanhas de papel acumuladas diariamente eram recolhidas pelos catadores e revendidas. Com o programa de lixo reciclável, o que era a sobrevivência dos moradores da invasão do Iate foi parar no Siv-Solo.

Nem por isso os invasores saíram de lá. O ex-catador Severino dos Santos coçava a cabeça ontem à tarde pensando na vida. "Querer trabalhar eu quero, mas ando, ando e volto com a mão abanando", queixava-se ontem o baiano, em Brasília há dois anos. Como todo migrante, veio em busca de um sonho, e agora não tem pra onde ir. "Voltar? Se for pra morrer de fome, aqui é melhor", mas não soube explicar por quê.